EDUCAÇÃO ESPECIAL PARA UMA EDUCAÇAO INCLUSIVA: UMA REFLEXÃO SOBRE A NECESSIDADE DA MULTIDISCIPLINARIEDADE PARA ACOLHER AS DIFERENÇAS

MARIZA STEFANE SOLER

RESUMO
Este estudo pretende elucidar a necessidade de uma reflexão profunda sobre a estrutura educacional, pois a questão da inclusão evidencia que a estrutura escolar precisa ser repensada para atender às especificidades de todos, uma vez que a educação precisa abarcar todas as características provenientes da diversidade humana, incluindo os múltiplos talentos e deficiências que compõem a humanidade. O presente artigo realiza uma revisão da literatura baseada em artigos e obras de especialistas em educação, visando propor uma reflexão sobre a finalidade da educação, a qual consistiria na formação cidadã ou no abastecimento da mão de obra capitalista; demonstra que as propostas pedagógicas atuais, contrariando vertentes do passado como a educação bancária, onde se acreditava que a função do professor residiria em depositar conteúdos na cabeça dos estudantes, colocando-os em uma posição extremamente passiva, consideram o aluno como um ser ativo, o qual traz conhecimentos e vivências de casa que precisam ser explorados através de didáticas participativas. Deste modo, evidencia-se que a inclusão é necessária em que os estudantes deficientes podem enriquecer o processo ensino-aprendizagem, bastando metodologias como o debate reflexivo em torno de um objeto, onde o docente é um condutor do processo de descoberta do conhecimento; além desta metodologia mais democrática, para a inclusão é necessária também uma equipe interdisciplinar pedagógica, capaz de identificar e satisfazer as necessidades que a convivência com o diferente evidencia, possibilitando se trabalhar valores cidadãos como respeito, solidariedade e altruísmo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação especial; educação inclusiva; multidisciplinariedade.

INTRODUÇÃO

Há uma diversidade de características humanas presentes na sociedade e, como consequência, estas diferenças são refletidas no ambiente escolar e devem ser acolhidas de maneira a suprir todas as necessidades individuais, ao mesmo tempo em que se promove a socialização e a interação necessárias para o processo de ensino e aprendizagem.
Mecanismos como a Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) representam avanços importantes, permitindo que o aluno com necessidades especiais seja atendido por um profissional da pedagogia especializado nesta modalidade educacional (Educação Especial). No entanto, o debate sobre este tema da inclusão precisa ultrapassar as questões pontuais, aprofundando a reflexão sobre a finalidade da educação e suas estruturas metodológicas, para se elaborar um formato didático que objetive realmente a formação cidadã, promovendo valores como respeito e solidariedade.
Ressalta-se que a escola trabalha com seres humanos, sendo impossível padronizar o modo como os alunos recebem e absorvem o conteúdo. Por esta razão, conforme apontam tantos modelos didáticos como a perspectiva de FREIRE (1996) e a experiência de MAKARENKO (1989), o processo de ensino e aprendizagem precisa ocorrer por meio da partilha e da socialização do conhecimento, sendo orientada por uma ótica coordenada, porém horizontal.
Partindo da definição de educação do filósofo brasileiro CORTELLA (2015b), que visita as origens da palavra para conceituá-la como condução, o educador é aquele que conduz o estudante no processo de descoberta do conhecimento, em uma relação que deve ser recíproca e humanizada. Com o objetivo de refletir sobre a estrutura educacional atual e apontar para a necessidade de uma equipe multiprofissional com pedagogos, intérpretes de libras, fonoaudiólogos, psicólogos e especialistas em educação especial, o presente artigo trabalhará a necessidade de um repensar das estruturas educacionais, trazendo as experiências do psicanalista PICHON-RIVIÈRE apud CASTANHO (2012) sobre o processo grupal e seus resultados positivos conforme sua observação, relacionando esta terapia coletiva com a pedagogia reflexiva de FREIRE (1996), citando nuances con-

ceituais do relato de MAKARENKO (1989), e culminando em uma proposta de equipe pedagógica multidisciplinar conforme sugere o artigo de MACIEL (2003).

A presença de profissionais como psicólogos, fonoaudiólogos, intérpretes de LIBRAS, e educadores especializados, no ambiente escolar, não apenas supriria as necessidades específicas oriundas de deficiências, como também contribuiria para o processo de diagnóstico precoce de distúrbios educacionais como a dislexia, além de mediar e pacificar conflitos e possíveis situações discriminatórias.

A relevância da proposta se justifica por atender as necessidades de cada aluno em um ambiente que precisa ser inclusivo e acolhedor, promovendo a interação entre diferentes potencialidades, talentos, deficiências e perspectivas, trazendo na prática, valores extremamente importantes como o respeito, a solidariedade, a proatividade e o altruísmo, enriquecendo a dinâmica do ensino e aprendizagem, para deste modo, fortalecer a formação e o sentimento de cidadania.

Só a educação é capaz de transformar uma sociedade, pois conforme FREIRE (1996) "A educação não transforma o mundo, a educação muda as pessoas, e as pessoas transformam o mundo". Quando se trabalha a diversidade na escola, valores cidadãos são praticados no cotidiano, e desta forma, se constrói um processo que termina por impactar a sociedade como um todo.

Deste modo, acredita-se que a prática inclusiva pode naturalizar a convivência entre os diferentes, formatando em um processo longo e contínuo uma sociedade mais humana, livre de preconceitos e com um sentimento forte de coletividade.

REVISÃO DA LITERATURA

A diversidade humana se compõe de múltiplas características, por esta razão, todos possuem habilidades e dificuldades, sendo função da educação suprir as necessidades e potencializar os talentos no processo de ensino e aprendizagem. Por esta razão, faz-se necessário refletir se os métodos didáticos correspondem aos objetivos educacionais.

FINALIDADE E MÉTODOS DA EDUCAÇÃO

Considerando que a finalidade da educação, conforme explana Abbagnano (2007), reside na transmissão das técnicas e dos comportamentos culturais de uma sociedade, visando formar o indivíduo para transformá-los e aperfeiçoá-los; é evidente que a inclusão de cada sujeito no processo educacional é de extrema importância, pois os talentos individuais podem aprimorar os mecanismos de trabalho e de ser da comunidade.

A visão de que cada pessoa pode contribuir a seu modo para a construção de uma sociedade melhor foi exposta por Aristóteles (1999) em sua obra "A política", onde vivendo em uma sociedade escravagista, o pensador disserta que até o escravo como trabalhador braçal é importante, pois possibilitariam que outros homens pensassem e refletissem sobre o mundo e a organização social.

Embora se reconheça que na antiguidade não havia a questão de necessidades especiais, pois os deficientes durante muito tempo foram mortos ou reclusos, cita-se o referido filósofo para constatar que todos são importantes para uma sociedade, e por esta razão, devem necessariamente ser incluídos, por conseguinte, a única maneira de se formar a personalidade e aprimorar o talento é o processo de aprendizagem.

Gerar uma consciência de que todos são importantes para a sociedade com seus talentos e deficiência é um processo de construção, neste sentido, Cortella (2015a) expõem que não nascemos prontos, e por isso, somos constituídos por aquilo que vivemos e experimentamos, nossa versão seria atualizada a cada dia, a cada nova vivência e conforme o transcorrer da nossa trajetória. Por esta razão, é possível afirmar que o melhor modo de se aprender respeito, solidariedade, compaixão entre outros valores é vivê-los, e a maneira mais concreta de praticar estes axiomas é através da inclusão, convivendo com a diversidade humana.

É evidente que o conteúdo programático é de extrema importância, porém o modelo vigente parece desconsiderar a essência da atividade educacional. A lógica de abastecer o mercado direcionando os alunos exclusivamente para uma determinada carreira ou um curso universitário impregna o processo de ensino e aprendizagem com uma visão extremamente tecnicista.

A necessidade de corresponder às expectativas capitalistas, as quais consistem na constante expansão para satisfazer os privilégios e a lucratividade de uma classe considerada dominante conforme explanado por Engels & Marx (2015); se sobrepõe aos valores de uma formação cidadã. Deste modo, a educação acontece baseada em padrões como argumentavam pensadores do passado como Comenius (2001) o qual baseava sua didática no objetivo de uma moral cristã que todos deveriam seguir e demonstrarem o mesmo comportamento. Ressalta-se que no medievo (período anterior a Comenius), as crianças eram vistas como mini homens, as quais precisavam somente ser preparadas para a vida adulta.

O fato é que as teorias educacionais evoluíram e observaram que o estudante não é meramente passivo, mas traz um conhecimento de suas vivências familiares e comunitárias anteriores e concomitantes a vida escolar, e por esta razão, precisa ser considerado como um agente ativo de trocas de saberes dentro do processo mútuo de ensino e aprendizagem. Por conseguinte, a diversidade humana traz capacidades e dificuldades, as quais precisam ser consideradas em sala de aula para se trabalhar valores de cidadania como respeito, solidariedade entre outros.

Enxergar o aluno em suas complexidades é essencial para se estabelecer atividades e objetivos, visando a formação do indivíduo e do cidadão. Este olhar pode ser exemplificado pelo enredo do filme "Como estrelas na terra" (2007), no qual em decorrência da troca de docentes de determinada disciplina¸ o professor substituto, que tinha experiência com educação especial em uma Organização Não-Governamental (ONG), percebe a dificuldade de aprendizado e de socialização de um aluno. Investigando a história do educando por meio de conversas com o próprio estudante, com colegas de turma, com outros professores e visita à família, o docente percebe se tratar de um quadro de dislexia. A partir deste diagnóstico, mesmo sem o apoio de seus pares, da escola ou da família, este educador elabora atividades, realiza um trabalho individual no período posterior ao das aulas, e conquista vitórias pouco a pouco, trazendo o aluno para o conteúdo e para a socialização.

Este exemplo demonstra a importância de olhar o aluno como ser humano, com suas dificuldades, mas com seus talentos. Na obra citada, o professor percebe o talento do garoto para a pintura, e utiliza esta habilidade para aplicar atividades individuais que relacionem o desenho ao conteúdo programático. É notável a evolução do indivíduo, o educando que não conseguia sequer se preparar para as aulas, amarrar os sapatos, se vestir, enfim promover seu asseio; ao fim do filme, realiza todas estas atividades, e ainda, vence um concurso de desenhos da escola.

Deste modo, é clara a importância de uma inclusão efetiva, utilizando métodos equitativos, realmente promovendo a integração social, o conviver com a diferença, e a valorização massiva de valores relevantes para a vida em coletividade.

MÉTODO DE PESQUISA

O presente artigo foi realizado por meio de uma revisão de literatura, partindo da definição de docência proposta por Cortella (2015b), relacionando-a com as vivências participativas de Freire (1996), Makarenko (1989) e Pixon-Rivière apud Castanho (2012), culminando com reflexões sobre a proposição de uma equipe escolar interdisciplinar, conforme descrito por Maciel (2003).

UNIVERSO DA PESQUISA

O universo da pesquisa consiste no levantamento bibliográfico das obras dos referidos autores, bem como outros artigos científicos indexados em bases de dados de plataformas como Google Acadêmico, Scielo e Scribd.

PROCEDIMENTOS PARA A COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Os dados foram coletados a partir da realização da busca na base de dados, utilizando as palavras-chave: "educação inclusiva", "didática participativa" e "método de interação coletiva", além de obras já conhecidas pela autora deste artigo, situando as fontes no período entre 1980 e 2022.

A seleção das fontes ocorreu conforme o objetivo de reflexão sobre as formas de tornar a educação mais inclusiva. Por esta razão, foi necessário visitar as raízes da exclusão, por

isso, optou-se pela crítica de Engels & Marx (2015) ao capitalismo de que a educação é utilizada como instrumento para a manutenção do poder de uma classe, encontrou-se uma proposta de solução na mudança de objetivo da educação, o qual precisa ser o ensino e aprendizagem, na didática participativa de Paulo Freire (1996) e no método socialista de Makarenko (1989), ancorado no significado da palavra "Educação" exposto por Cortella (2015b) como "condução", utilizando o exemplo da experiência de Pixon-Rivièra apud Castanho (2012), desembocando na proposta de uma equipe didática multiprofissional exposta por Maciel (2003), argumentação complementada por conceitos expostos pelos filósofos Aristóteles (1999), Abbagnano (2007) e Morin (2003). Deste modo, as obras e artigos foram selecionados conforme o raciocínio e a estrutura que o presente estudo se dispôs a realizar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir apresentaremos as teorias e reflexões de Pixon-Rivière apud Castanho (2012), Freire (1996) e Makarenko (1989) sobre os autores dos textos selecionados sobre a importância da equipe multiprofissional no atendimento aos alunos com necessidades educacionais especiais.

A questão da inclusão faz emergir a discussão sobre a finalidade da educação. Conforme já exposto na explanação sobre a dicotomia referente ao objetivo último da educação, em uma sociedade capitalista, pautada por um sistema que necessita de expansão constante para manter o privilégio e lucratividade de uma classe dominante como expõe Engels & Marx (2015); a inserção das diversas características é necessária para abastecer as demandas o mercado de trabalho, porém na educação, quando este processo de incluir a diversidade humana é promovido, outros valores são trabalhados, buscando uma formação realmente cidadã.

Não se está atribuindo aqui juízo de contraposição entre os objetivos educacionais capitalistas e um desenvolvimento da cidadania, a discussão reside justamente em encontrar conexões e estratégias que visem a aplicação de didáticas inclusivas para que a educação cumpra o seu papel de formação de cidadãos capazes de contribuir com a sociedade.

Por esta razão, as metodologias didáticas mais participativas como a proposta de Paulo Freire (1996) e o método de trabalho de Makarenko (1989) aparecem em consonância com o contexto atual, enxergando a diversidade como um fator enriquecedor do processo de ensino e aprendizagem, considerando a multiplicidade de ângulos que a diferença humana traz na observação do objeto analisado em aula.

Recorre-se ao conceito de educação como o ato de conduzir o sujeito no caminho da descoberta do conhecimento, visando demonstrar que o processo de aprendizagem se concretiza no debate reflexivo e participativo, tendo o docente como mediador que apenas orienta e guia os educandos a compartilharem suas visões e experiências referente ao tema proposto, e deste modo, as diferentes características são consideradas como fatores que contribuem positivamente, e todos ensinam e aprendem simultaneamente.

Para que a dinâmica da sala de aula aconteça desta forma, é imprescindível que as condições oferecidas sejam equitativas, possibilitando a participação ativa de todos os envolvidos no referido processo.

A questão central do como oferecer os aparatos necessários para que a escola seja realmente equitativa e promova uma educação participativa, formando efetivamente um cidadão que possa verdadeiramente contribuir com a sociedade, reside em, primeiramente, enxergar o educando como um ser humano repleto de talentos, deficiências e dificuldades, dotado de personalidade e características próprias. Compreensão esta exposta por Morin (2003), quando este pensador argumenta que o homem precisa ser visto em sua complexidade.

A partir desta visão holística, é possível identificar as habilidades e as necessidades individuais e coletivas para serem trabalhadas no interior da escola. Para tanto, evidencia-se ser essencial que a equipe pedagógica se torne interdisciplinar, compondo-se além de professores e diretores, por profissionais como psicólogos, psicopedagogos, fonoaudiólogos, intérpretes de LIBRAS e especialistas em educação especial.

Exigir do professor que exerça todas estas

funções é sobrecarregar o docente, o qual já precisa preparar os materiais e planejamento de estratégias didáticas, além de controlar a turma em sala de aula e tantas outras responsabilidades.
A proposta é que o docente componha uma equipe pedagógica, onde os profissionais discutam as estratégias para responderem às necessidades de cada caso, e trabalhem juntos no cotidiano escolar para aplicar as metodologias e artifícios escolhidos em reunião anteriormente.
Evidencia-se que a equidade é necessária para um efetivo aprendizado, pois quanto mais diversa a turma, mais experiências e visões sobre o mesmo objeto são compartilhadas, ensinadas e aprendidas. No entanto, para se praticar esta equidade, são necessárias condições que favoreçam a participação de todos, promovendo uma inclusão sadia. Estas condições seriam consolidadas com a inclusão de profissionais especializados em cada área necessária na equipe pedagógica, equipe que analisaria cada caso, elaboraria estratégias e atuaria na prática dos métodos anteriormente pensados, podendo reformulá-los no decorrer do percurso.

DIDÁTICA PARTICIPATIVA E INCLUSIVA

Para se efetivar uma didática realmente inclusiva com a participação de todos em um processo de ensino e aprendizagem mútuo, onde o docente tem a função de mediador e condutor de um debate, primeiramente, é necessário trazer o conceito de professor conforme a perspectiva freiriana, embasando-se na definição de educação exposta por Cortella (2015b):

"(...) O radical que compõe a palavra "educação" é docere, de educere, que é "doce" e também significa conduzir. Está presente em vocábulos como "viaduto", "oleoduto", "gasoduto". Educação é o que conduz cada indivíduo, desde criança, a tornar-se humano, formar-se humano, ser humano" (CORTELLA, 2015b. p.17).

Educar é guiar o indivíduo na sua formação enquanto ser humano, posto que o homem se constitui, se forma e se transforma no decorrer de sua vida. Destaca-se que a função primordial do docente é conduzir cada pessoa no seu desenvolvimento humano, e não o mero abastecimento mercadológico com mão de obra direcionada. Para esta condução adequada, é necessário enxergar o aluno como sujeito, considerando as diferenças.
O ser humano é complexo, apresenta individualidades, mas também é um ser social. Analisar o sujeito nesta complexidade é relevante para as relações sociais. Neste diapasão, o filósofo francês Morin (2003) expõe que é preciso enxergar o ser humano como um ser completo, considerando suas relações sociais, sua composição física e intelectual. É possível trazer este olhar holístico para a educação, pois cada aluno tem uma origem, uma família, vivências que o compõe em suas características e deficiências, e quando adentra a sala de aula, estas trajetórias entram em contato com várias outras, formando a multiplicidade. Assim se conseguimos utilizar esta diversidade em favor do processo educacional, enriquece-se o aprendizado.
É exatamente este olhar que o filósofo brasileiro Freire apud Vannucchi (2003) apresenta como alicerce de sua didática, pois a troca de conhecimentos e habilidades trabalharia e compensaria as dificuldades pontuais.
Ressalta-se que este pensador formulou sua teoria do conhecimento com base na realidade social e na troca de experiências, o sujeito do conhecimento acessaria o objeto a partir do embate de visões oriundas das vivências sociais e individuais de cada participante do processo, deste modo, ocorreria o compartilhamento mútuo de conhecimento, todos ensinam e todos aprendem. É possível concluir que, por exemplo, o cego apresentará um ângulo da questão analisada em um debate reflexivo diferente de um aluno que enxerga, devido ao desenvolvimento mais apurado de seus outros sentidos como o tato e a audição, e o mesmo ocorreria com as outras deficiências. Esta variedade de modos de contato com o objeto provocaria a surpresa, sempre seria exposto algum ponto que a maioria não havia observado, e o aprendizado seria mais completo.
A proposta educativa freiriana valoriza justamente as habilidades para se avançar no conhecimento coletivo. Visão que se conecta com a vivência pedagógica do educador ucra-

niano Makarenko (1989), pois trabalhando em uma instituição de menores infratores, este professor aplica uma didática socialista, na qual todos os alunos juntamente com os docentes se envolvem e decidem os rumos da organização onde vivem. Deste modo, os conteúdos são aprendidos na prática, seria uma metodologia participativa, onde as capacidades suprem as necessidades, criando um sentimento de coletividade e pertencimento.

Makarenko (1989) é relevante para demonstrar a importância da criação do sentimento de coletividade, pois com a participação de todos nas decisões e em todas as atividades da instituição, os próprios internos passam a contribuir uns com os outros, a dividir tarefas, e até repreender colegas que eventualmente prejudicassem a harmonia da convivência cotidiana.

Este sentimento de espírito coletivo como forma de avanço e de solidariedade, onde a capacidade de um integrante contribui para a superação da necessidade de seu colega, foi comprovado pela experiência do psicanalista Pixon-Rivière apud Castanho (2012), pois ao se deparar com uma equipe reduzida no hospital devido a uma greve de enfermeiros, o médico aplica um minicurso para os pacientes menos debilitados e os convoca para o cuidado com os demais. A constatação do profissional ao observar por um tempo o desempenho dos pacientes nesta situação, demonstrou que houve uma evolução e significativa parcela dos enfermos apresentaram melhoras no quadro clínico, ou seja, a solidariedade com a ajuda ao próximo estimula o indivíduo, provocando o avanço de todos.

UM TRABALHO INTERDISCIPLINAR PARA SE ALCANÇAR A INCLUSÃO

É evidente que, para se promover a mencionada metodologia participativa de modo a propiciar o sucesso esperado no processo ensino e aprendizagem, é necessário o oferecimento de condições essenciais para esta finalidade.

Seria preciso profissionais como o intérprete de libras para alunos surdos poderem participar ativamente da aula, educadores especializados para atender as necessidades especiais como deficiências físicas, auditivas, visuais e intelectuais, fonoaudiólogos para identificar e tratar problemas de fala e linguagem que interferem no aprendizado da leitura e da escrita, além de psicólogos para mediar conflitos e diagnosticar e cuidar de dilemas tão presentes na sociedade atual como o bullying, a dislexia, a bulimia, o autismo entre outros.

Por esta razão, Maciel (2003) propõe a criação de uma equipe interdisciplinar para planejar e atuar sobre o cotidiano escolar, pois os alunos demandam cada vez mais necessidades como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), depressões, conflitos, entre outros problemas que profissionais como psicólogos, fonoaudiólogos, intérpretes de libras, especialistas em educação especial, podem contribuir para a resolução positiva, suprindo as carências individuais e coletivas, quando integradas com os docentes na equipe pedagógica.

Conforme exposto na introdução, a diversidade humana precisa ser acolhida e incluída no ambiente educacional, evidentemente, esta multiplicidade de características envolve tanto os talentos quanto as deficiências. Permitir que os estudantes privados de algum sentido ou da prática de algum movimento participe do processo de ensino e aprendizagem, fornecendo condições equitativas, enriquece o conhecimento, pois são outros ângulos de visão que estarão presentes.

O filósofo Freire apud Vannucchi (2003) expõe que a educação é um ato de humildade, onde todos aprendem e todos ensinam, são as visões mais surpreendentes sobre um determinado objeto que provocam o crescimento inclusive do professor. Deste modo, a função do docente seria colocar um objeto para discussão, estimular a participação e enxergar sua aula enriquecida com cada ângulo exposto tanto por ele como mediador, quanto pelos alunos, quanto mais diversidade de opiniões aparece no debate, quanto mais visões diferentes surgem, mais rico é o processo de ensino e aprendizagem.

Embora Freire apud Vannucchi (2003) esteja se referindo no geral, é evidente que este pensador está argumentando que a diferença na sala de aula somente soma, os ângulos de vista diferenciados acrescentariam valores, perspectivas e, principalmente, conheci-

mento para todos os envolvidos no processo.
Deste modo, a inclusão de todos os aspectos da diversidade humana em uma coletividade com o objetivo educacional parece ser basilar para ocorrer a efetiva partilha e aquisição de conhecimento. Quando se oferecem condições equitativas para a participação do referido processo, transmitem-se axiomas na prática como o princípio do compartilhamento, do valor do outro, do respeito ao diferente e, principalmente, ensina-se que o colega de turma é importante para o próprio crescimento tanto individual quanto coletivamente.
Quando a inclusão é realizada de modo a estimular as capacidades e criar valores sólidos como o respeito, sendo uma prioridade na escola com uma equipe que pensa um cotidiano integrador, o processo de ensino e aprendizagem se enriquece, podendo transformar realidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão elucida que há divergências no que se refere à finalidade da educação, trazendo à luz que a diferença precisa estar presente em todos os espaços sociais, pois soma contribuições para a evolução da sociedade. É verdade que a visão estritamente capitalista defende uma educação que sirva às exigências do mercado e à manutenção da lucratividade e dos privilégios de uma determinada classe. No entanto, as didáticas mais contemporâneas argumentam que a multiplicidade enriquece o aprendizado, demonstrando a possibilidade de meios que possam ser aplicados para que a didática exercida em sala de aula seja participativa, baseada na realidade comunitária, formando cidadãos conscientes de valores como respeito e solidariedade, e também trabalhadores que contribuam para a evolução da sociedade.
Seria preciso enxergar o aluno como um ser humano, considerando suas individualidades, personalidades, capacidades e dificuldades, para a partir desta identificação das características do sujeito e da coletividade, traçar estratégias e objetivos para se alcançar o sucesso na empreitada do conhecimento.
A escola está inserida em uma sociedade múltipla, conflituosa e que reproduz a complexidade da espécie humana, por este motivo, é preciso se pensar a educação para atender aos anseios de contemplar todos os sujeitos, formar uma cidadania consciente de seus direitos, deveres e responsabilidades, além de corresponder às expectativas do sistema vigente.
Os argumentos apresentados evidenciam que a questão central é enxergar o ser humano em sua integridade, considerando suas características, potencialidades e dificuldades, as quais formam a sua individualidade, e a partir deste olhar, formular estratégias com uma equipe multiprofissional para atender as necessidades individuais e coletivas. Desta forma, é possível concluir que assim como um médico analisa os olhos e outro verifica a pele, sendo necessário um olhar para o sujeito como um todo, o professor necessita do amparo de outros especialistas para ter um panorama geral das habilidades, dificuldades e socialização de cada aluno, além de apoio na formulação de estratégias e aplicação de métodos para satisfazer as especificidades.
Deste modo, comprova-se que a interdisciplinaridade dentro do ambiente escolar pode contribuir significativamente para que a educação alcance seu objetivo de acolher as diferenças, formar a cidadania, e corresponder às expectativas da sociedade atual.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. Dicionário de filosofia. 5. ed. Martins Fontes, São Paulo, SP, 2007.

ARISTÓTELES. A política. Coleção “Os pensadores”. Editora Nova Cultural Ltda. São Paulo, SP, 1999.

CASTANHO, P. Uma introdução aos grupos operativos: Teoria e Técnica. Vínculo. Revista do NESME, São Paulo, n. 1, v. 9, 2012. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/1394/139428662007.pdf. Acesso em: 12 Set. 2022.

COMENIUS, I. A. Didactica Magna. Versão para e-Book, 2001.

COMO estrelas na terra. Direção: Aamir

Khan, Amole Glupte. Produção: Aamir Khan, Ajay Bijli, Kiran Rao, Sanjeev Bijli. Intérpretes: Aamir Khan; Darsheel Safary; Abhishek Bachchan; Aniket Engineer; Ayaan; Vipin Sharma e outros. Roteiro: Amole Glupte. Walt Disney Home Entertainment, 2007. DVD. 165 min.

CORTELLA, M.S. Não nascemos prontos! Provocações filosóficas. 19. ed. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2015a.

CORTELLA, M. S. Pensar bem nos faz bem. V. 1. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2015b.

ENGELS, F. MARX, K. Manifesto do partido comunista. 3. ed. Editora Edipro, São Paulo, SP, 2015.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. Coleção leitura. Paz e terra editora, São Paulo, SP, 1996.

MACIEL, M. R. C. Portadores de deficiência: a questão da inclusão social. Revista perspectiva, São Paulo, v. 14, n. 2, 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/spp/a/3kyptZP7RGjjkDQdLFgxJmg/abstract/?lang=pt. Acesso em: 30 Ago. 2022.

MAKARENKO, A. S. Poema Pedagógico. V. 1. 3. ed. Editora Brasiliense, São Paulo, SP, 1989.

MORIN, E. A cabeça bem feita: Repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, RJ, 2003.

VANNUCCHI, A. Paulo Freire ao vivo. 2. Ed. Coleção “Educação”. Edições Loyola, São Paulo, SP, 2003.